

**UM POEMA ERÓTICO DE LUCIUS APULEIUS (II D. C.)**

Airto Ceolin Montagner (UERJ/UNIGRANRIO)  
[airtomontagner@globocom.com](mailto:airtomontagner@globocom.com)

Lúcio Apuleio é um poeta latino que nasceu na África, em 125. No curso de suas viagens desposou uma viúva rica, Pudentilla, mas os familiares dela o incriminaram, processando-o sob a acusação de ter praticado artes mágicas para induzir a viúva às núpcias. Apuleio defendeu-se pronunciando um discurso de defesa, posteriormente publicado como *Antologia* ou *De magia*. O texto, inspirado nos discursos de Cícero, é um documento importante do ponto de vista antropológico, visto que nos dá a conhecer ritos e superstições de uma época e de um ambiente que atravessava uma profunda crise espiritual.

A obra mais famosa, no entanto, é o romance *Metamorfoses*, também conhecido como *O asno de Ouro*. Nele, nararam-se as aventuras do jovem Lúcio que, tendo tomado um filtro mágico, se transmuda em asno e é envolvido numa série de peripécias, primeiro para reconquistar sua identidade de homem no curso de uma procissão em honra de Ísis. No interior do romance, é famosa a narrativa de Amor e psiché.

O romance, além do aspecto agradavelmente narrativo, revela um nível de leitura com chave filosófica. A viagem de Lúcio-asno é a metáfora de uma experiência existencial de procura e conhecimento.

A atividade poética de Apuleio está documentada em alguns poemas presentes na *Anthologia latina*.

Nosso objetivo aqui é tecer alguns comentários breves sobre o amor e o canto do poeta e, a seguir, apresentar o poema latino e sua respectiva tradução, para apreciação do leitor.

É nos versos de Virgílio que vemos aflorar a imagem poética de Orfeu, o qual, em completa solidão, tenta consolar

## LÍNGUA E LITERATURA CLÁSSICA

sua própria dor. Sua esposa Eurídice morre e Orfeu elabora o luto e o abandono acompanhando seu canto ao som da cítara. O vazio que o envolve parece conter a dor do vazio da ausência; o doce nome da esposa vem repetido no seu canto desde o albor até o sol posto, também na sua reiteração obsessiva (*te...te...te...*), parecendo desejar completar o vazio da solidão.

Orfeu é o mítico cantor antigo: pertence ainda ao mundo do imaginário, fora das conexões do tempo e do espaço. É cantor, é mago, xamata que, com o seu canto, pode aplacar as forças da natureza, amansar as feras, comover os corações infernais *nescia humanis precibus*.

Graças a sua identidade meta-histórica, ao seu pertencimento ao mito, podemos assumi-lo como o arquétipo do poeta. Ele canta o amor perdido e experimenta a função consolatória do canto poético. Mas vai além: decide arriscar-se no mundo dos infernos, o reino da morte e da ausência, a fim de resgatar Eurídice para a vida. Nem o pranto nem as súplicas comovem o terrível Dite, mas sim o canto. Orfeu poderá reconduzir ao mundo dos vivos a sua amada, desde que não olhe para trás. Ele irá na frente, guiando-a no percurso das trevas para a luz, fora do reino das sombras. Orfeu parece ter vencido, pois chega ao limiar da luz. Mas sua história não tem um fim alegre, a conclusão é dramática: já na soleira, volta-se e perde sua amada para sempre.

O poeta perdeu. Todavia, ao lado da função consoladora do canto, emerge outra função, a evocativa: pode-se evocar e materializar o que está ausente e se evoca o espectro, tentando trazê-la para a vida, para a luz, dar-lhe um novo corpo, na ilusão de apagar o desejo de reunir-se a ele. Mas a ilusão se dissolve mesmo *in limine*, na passagem da sombra para a luz, entre a morte e a vida, entre a ausência e a presença.

O poeta acreditou que seu canto dera de novo a vida à amada, como um deus, por meio da palavra poética. A lingua-

gem por si só é um compromisso entre o homem e a realidade. A palavra ocupa sempre um vazio e evoca, na absoluta arbitrariedade da imagem acústica, a imagem mental de um referente ausente. A linguagem poética, em particular, por sua função criativa (*poietica*), torna-se ainda mais evocativa e obriga o poeta a resistir sobre a soleira entre a realidade e o imaginário. Quando a realidade a ser evocada é a de um sentimento vago, indefinível e ambíguo, como é o amor, o jogo do poeta se complica.

O amor é, no sentido etimológico da palavra, um desejo, tensão de um ser para o outro; enquanto desconhecido e assustador, é tanto mais desejável quanto mais fugaz. A poesia de amor tem como tema este desejo. É um tema nas várias formas da esperança ou da saudade ou da nostalgia. A poesia amorosa, mais que qualquer outra, é evocativa da ausência do objeto de desejo. Muito raramente o poeta canta o contentamento e a satisfação. Quando isto acontece, sente sempre o risco da perda, a ameaça iminente da precariedade.

Os mil e mil beijos que Catulo pede a Lésbia culminam com o horror do vazio daquela *perpetua nox una dormienda*.

Se em Orfeu, o poeta de amor, o desejo torna *aegrum* (doente) o amor, o canto nasce como lenitivo para dar *solacium*, alívio para esse mal, e o alívio consiste em poder materializar e tornar presente a falta que faz sofrer.

É à luz dessa breve exposição sobre o amor que podemos ler o poema de Lucius Apuleius, cuja tradução apresentamos a seguir.

O poeta é o cantor que se coloca no limiar entre a realidade e o imaginário, num jogo de evasão e retorno. Dois elementos perpassam o poema, como num sonho: as flores e os versos, o mundo real e o mundo do canto. As flores representam o mundo, a matéria e físico; o canto, o dom imaterial, o Gênio, a juventude. Como Orfeu, o poeta oferece seu canto,

## LÍNGUA E LITERATURA CLÁSSICA

numa forma de encantamento. Mas é a ausência da amada que move o desejo do poeta para que ele possa colher o doce fruto do amor.

### O TEXTO

#### 1

Florea certa, meum mel, et haec tibi carmina dono,  
Carmina dono tibi, certa tuo genio,  
Carmina, uti, Critia, lux haec optata canatur,  
Quae bis septeno vere tibi remeat,  
Serta autem, ut laeto tibi tempore tempora vident,  
aetatis florem floribus ut decores,  
Tu mihi des contra pro verno flore tuum ver,  
Ut nostra exuperes munera muneribus:  
Pro implexis sertis complexum corpore redde  
Proque rosis oris savia purpurei.  
Quod si animam inspires donaci, iam carmina nostra  
Cedent victa tuo dulciloquo calamo.

### TRADUÇÃO

Flores entrelaçadas, minha doçura, e a ti estes versos dou,  
a ti versos dou, ao teu Gênio flores:  
os versos para cantar, Cícia, este dia esperado,  
que traga de volta para ti a primavera pelo dobro de sete ve-  
zes;  
as flores entrelaçadas, porém, para que a estação cinja as tuas  
têmporas  
e as flores adornem a flor da tua juventude:  
tu, que me darás, em troca das flores primaveris,  
a tua primavera, a fim de que superes os meus dons com os  
teus:  
em troca das flores entrelaçadas, torna teu corpo entrelaçado ao  
meu,  
em troca das rosas, os beijos dos teus purpúreos lábios,  
porque, se com o teu sopro soprare a flauta,  
já cederão os meus versos, vencidos pelo teu cálamo harmo-  
nioso.